

ENGajar, EDUCar, EMANCIPar: UM ESTUDO DE CASO DO CINECLUBE ANARQUISTA EFEITO COLATERAL

GABRIEL MOMESSO GRILLO¹; CÍNTIA LANGIE²

¹UFPel– gabrielmomessogrillo@tutanota.com

²UFPel - cintialangie@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a atuação do Cineclube Anarquista Efeito Colateral em Pelotas, localizá-lo em relação ao ecossistema de difusão e exibição da cidade e contextualizá-lo historicamente, tanto no que tange às relações entre o cinema e o movimento anarquista quanto à rica tradição cineclubista brasileira. Nesse processo, aspectos de interesse incluem a organização e história do cineclube; suas relações com outros cineclubs; suas parcerias com agentes de distribuição de cinema e suas parcerias com organizações e espaços comunitários. Para situar o cineclube historicamente, toma-se como referência a literatura sobre cineclubismo produzida por Felipe Macedo, e sobre cinema e anarquismo por Isabelle Marinone.

Para fins das discussões propostas aqui, o anarquismo é definido como um movimento político e filosófico socialista, oposto à dominação e defensor da autogestão (CORRÊA, 2022, p.104). Curiosamente, a história do cinema de inspiração anarquista e a história do cineclubismo como um todo têm sua origem mais ou menos no mesmo marco: a criação da cooperativa *Cinéma du Peuple* por sindicalistas anarquistas em 1913, considerada por vezes o primeiro cineclube da história (MACEDO, 2010).¹ Apesar disso, e diferentemente dos *festivais* de cinema relacionados ao movimento, não é comum que um cineclube anarquista exista de forma independente. A maioria desses cineclubs historicamente existiu atrelada a sindicatos, organizações culturais, editoras ou outros agrupamentos libertários. No Brasil, pode-se citar o Cineclube Terra Livre, da editora Terra Livre, ou o recentemente criado Cineclube Chico Cubero, do Centro de Cultura Social.

A história do cineclubismo brasileiro, no entanto, certamente possui uma dimensão militante. Desde ao menos a década de 70, quando é redigida a “Carta de Curitiba” na 8^a Jornada Nacional de Cineclubs, os cineclubs se mostraram espaços de discussão crítica e muitas vezes tiveram uma postura socialmente engajada — se tornando, por isso, alvo de perseguição e censura durante a ditadura militar (BUTRUCE, 2003).

2. METODOLOGIA

A investigação sobre o Cineclube Anarquista Efeito Colateral adota o formato de um estudo de caso descritivo, conforme a conceitualização proposta por Yin (2001). Meu objetivo aqui se assemelha ao de minha pesquisa anterior sobre a interação cinema-anarquismo, apresentada na 10^a SIIPE em 2024: expandir a literatura sobre a distribuição e exibição de cinema de inspiração libertária, que é escassa e quase exclusivamente focada no norte global.

¹ Outros autores consideram o *Ciné-club* de Louis Delluc o primeiro cineclube. Nessa perspectiva, o *Cinéma du Peuple* seria ainda assim um notável “proto-cineclube”.

As ferramentas usadas na pesquisa foram a participação observante em três sessões do cineclube, com diálogos com os envolvidos antes ou após cada projeção, e também em uma reunião de planejamento do cineclube realizada remotamente. Também foram feitas entrevistas semiestruturadas e extensas com dois organizadores fundadores do projeto.

Houve uma revisão bibliográfica sobre tanto a relação cinema-anarquismo quanto a formação do cineclubismo brasileiro, permitindo maior contextualização histórica do Cineclube Anarquista Efeito Colateral e suas práticas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O Cineclube Anarquista Efeito Colateral é um cineclube jovem, autogerido e itinerante que atua na cidade de Pelotas. Até o momento da escrita deste artigo, havia realizado sete sessões em diferentes formatos, além de uma projeção ao vivo do Oscar 2025. A colaboração com diversos tipos de organizações é frequente, essa é inclusive uma parte fundamental de seu funcionamento.

O Cineclube foi idealizado inicialmente por dois então moradores da ocupação urbana Kilombo Urbano Canto de Conexão, no bairro Porto de Pelotas, próxima ao Centro de Artes da UFPel. No começo, era um projeto vinculado àquele espaço. Uma das origens da proposta, segundo um dos fundadores, veio da sugestão espontânea de outro morador de que uma cortina branca na casa poderia servir de tela de projeção. Dali em diante outras individualidades com propostas semelhantes também se somaram ao projeto, culminando em uma reunião em 5 de dezembro de 2024 na qual foi fundado o cineclube. Dentre essas individualidades estavam pessoas ligadas à área da educação, à do cinema, e com diferentes graus de envolvimento com o movimento anarquista, mas partilhando da proposta de um cineclube horizontal e socialmente engajado.

Aqui cabe uma discussão sobre as possibilidades de um cineclube organizado sob essa perspectiva. Como mencionado, segundo Macedo, a gênese do cineclubismo se dá num ambiente influenciado pela rebeldia política do anarquismo. Mas mesmo em termos mais amplos, o cineclube como instituição surge com uma função de não só formar como *organizar* o público que não é, segundo o mesmo autor, de todo incomparável à de um sindicato (MACEDO, 2010, p.40). É possível falar do cineclube como uma “alternativa” à sala de cinema que inherentemente é coletiva e anticomercial e, por essas e outras características, é uma forma de difusão/exibição que se empresta muito bem ao horizontalismo e à visão social crítica e engajada.

As três primeiras atividades do Cineclube Anarquista Efeito Colateral foram realizadas na ocupação. Uma delas foi a transmissão ao vivo do Oscar 2025, que ocorreu na rua Álvaro Chaves em um cinema de rua montado pela equipe (com auxílio da ocupação) e foi divulgada em meios como a rádio RadioCom Pelotas. A transmissão acabou atraindo um público significativo. Após essa atividade, o cineclube ganhou seu caráter itinerante, e as sessões seguintes foram realizadas em diversos espaços comunitários em diferentes bairros da cidade. A característica da itinerância surge, em parte, por necessidade, mas também como consequência dos objetivos e valores ideológicos do cineclube, dentre os quais está tornar o cinema acessível em áreas onde ele dificilmente seria.

Para contextualizar melhor a atuação do cineclube, trazem-se dois aspectos do processo de difusão e exibição no Brasil. Pelotas conta com três cinemas: dois complexos comerciais e um cinema alternativo, o Cine UFPel, sala gratuita e pública. Isso já coloca o município à frente de muitos outros no país, onde é

comum a ausência completa das salas independentes de cinema, frequentemente até das comerciais. Isso não significa, porém, que o cinema seja de fácil acesso a toda a população de Pelotas. Questões de localização e, exceto pelo Cine UFPel, de custo, ainda são uma barreira de acesso ao cinema. O segundo aspecto é que a exibição no mercado nacional é dominada pelo cinema estrangeiro, geralmente estadunidense. Quando o cinema nacional consegue estrear nas salas comerciais, raramente é o cinema independente, e sim aquele ligado a grandes distribuidoras, como a rede Globo Filmes (ARMAS; ZAMANA, 2019). A exibição e difusão de boa parte do cinema brasileiro depende do circuito alternativo — que, como mencionado, muitas vezes está ausente — para alcançar a população.

Assim podem-se entender melhor os objetivos do Cineclube Anarquista que tratam de difusão e exibição. O cineclube, assim como as salas de cinema independentes, é parte do circuito alternativo. A itinerância, porém, permite que as sessões sejam realizadas onde quer que se possa levar um projetor e uma tela, ampliando seu alcance a segmentos da população que vão menos às salas de cinema, mesmo as gratuitas. Somado a isso, o repertório do cineclube até varia em forma, podendo incluir curtas e longas, ficção e documentário, animação e live-action, etc... mas é quase exclusivamente composto por filmes nacionais.

Após adquirir seu caráter intinerante, as cinco sessões seguintes do cineclube foram realizadas em diferentes espaços: três na Biblioteca Comunitária Vila Castilho, em Vila Castilho; uma na Biblioteca Helena Vargas da Silveira, em Passo dos Negros; uma no Ponto de Cultura CDD Dunas, em Dunas; e uma na Estação Casa da Música, no Porto, em colaboração com o coletivo de percussão Batucantada. Segundo os organizadores, há planos para retomar todas essas colaborações, além de realizar sessões em escolas e de cinema de rua. Os três primeiros espaços se situam em zonas periféricas de Pelotas, e se caracterizam por serem organizações comunitárias que muitas vezes realizam atividades de teor educativo. Três das cinco sessões contaram com um público majoritariamente infantil, especialmente a quinta atividade do cineclube, a Mostra Popular de Curtas Animados. Essa soma de fatores demonstra uma continuidade já muito antiga na relação cinema-anarquismo. Podem-se citar exemplos do uso do cinema não só como ferramenta de educação, mas como de educação especificamente infantil, em propostas anarquistas de educação popular que pré datam até mesmo o *Cinéma du Peuple*, em 1910 (MARINONE, 2009, p.48-53).

Os filmes que são exibidos pelo Cineclube Anarquista Efeito Colateral chegam a ele de diferentes formas. No caso do drama *Ainda não é amanhã* (2024), a sessão ocorreu como parte do Circuito Embaúba, iniciativa da distribuidora brasileira Embaúba para levar o cinema nacional para além dos maiores centros urbanos. Outras sessões acontecem por vias menos oficiais, com os filmes sendo trazidos pelos próprios organizadores. Uma terceira alternativa, já posta em processo pelos organizadores do cineclube mas ainda não concretizada em uma sessão, é a do contato direto com realizadores independentes de cinema que disponibilizam suas produções. A depender do caso, o cineclube entra em contato com as iniciativas de distribuição, ou elas mesmas realizam o contato.

Por fim, o Cineclube Anarquista Efeito Colateral é, por consideração de seus próprios organizadores, parte de um ecossistema cineclubista amplo. Das oito atividades realizadas até o momento, quatro envolveram a parceria com outro cineclube: o CineSociais na transmissão do Oscar 2025, o cineclube de animação Odeio Desenho (Animado) na Mostra Popular de Curtas Animados, e o Cineclube Anandamida nas duas mostras THCine. Além disso, o cineclube recentemente ingressou no CNC (Conselho Nacional de Cineclubs), e, segundo os

organizadores, existe interesse na proposta da criação de um conselho municipal de cineclubes em Pelotas que pudesse fortalecer os laços entre os diferentes organizações desse tipo da cidade de forma mais formalizada.

4. CONCLUSÕES

O Cineclube Anarquista Efeito Colateral, mesmo surgindo de forma independente e com organizadores de origem diversa, carrega em seu DNA a história do cineclubismo e dos encontros do movimento anarquista com o cinema.

Um movimento que se dedica a uma crítica radical à sociedade desigual, ao fortalecimento de um senso de coletividade e à formação de indivíduos livres como o anarquismo encontra no cineclubismo grande ressonância, na medida em que é capaz de transformar o que já é um espaço de auto-organização do público em uma via de acesso ao cinema onde ele dificilmente seria acessado. De forma simples: cria um cinema popular, uma alternativa popular à difusão e exibição comercial. Embora a iniciativa ainda seja jovem, há motivos para olhar com muito interesse e satisfação para a atuação coletiva e integrada deste cineclube.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARMAS, M. B.; ZATAIA, F. A. Formação de público para o cinema nacional e a potencialidade das salas independentes de cinema. **RELACult - Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Foz do Iguaçu, v.5, n.4, 2019.

BUTRUCE, D. Cineclubismo no Brasil: Esboço de uma história. **Acervo**, Rio de Janeiro, v.16, n.1, p.117–124, 2003.

CORRÊA, F. **Bandeira Negra: Rediscutindo o Anarquismo**. São Paulo: Autonomia Literária, 2022.

MACEDO, F. Cineclube e Autoformação do Público. In: ALVES, G; MACEDO, F. **Cineclube, Cinema e Educação**. Londrina: Praxis, 2010. Cap.2, p.27–56.

MACEDO, F. **Cinema do Povo: o primeiro cineclube**. Montreal, mar. 2010. Acessado em 29 jul. 2025. Online. Disponível em: https://www.academia.edu/6409070/Cinema_do_Povo_o_primeiro_cineclube

MARINONE, I. **Cinema e Anarquia: uma história “obscura” do cinema na frança (1895-1935)**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.

YIN, R. K. **Estudo de caso: Planejamento e métodos**. Porto Alegre: Boockman, 2001.